

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

A CIÊNCIA DA PREVISÃO DE CHUVAS NO ALMAJESTO DE EURICO ALVES BOAVENTURA

THE SCIENCE OF RAIN FORECASTING IN THE ALMAJESTO BY EURICO ALVES BOAVENTURA

YVES SÃO PAULO

Doutor em Filosofia pela UFBA, Pós-Doutorando (CAPES/UEFS). E-mail: yvessaopaulo@gmail.com

CLAUDIO CLEDSON NOVAES

Doutor em Teorias da Comunicação pela USP. Professor da UEFS. E-mail: ccnovaes.orientacoes@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa o ensaio/crônica “Sob ditame de rude Almajesto”, de Eurico Alves Boaventura, publicado pela primeira vez em 1961 e posteriormente em diferentes formatos, destacando sua adaptação cinematográfica em 1976. A pesquisa situa o texto no contexto cultural feirense e discute seu caráter híbrido, entre crônica e ensaio, no qual o autor combina narrativa literária, referências filosóficas e observações empíricas sobre a previsão de chuvas no sertão. A partir da análise filológica e histórica, evidencia-se a valorização do saber popular sertanejo, transmitido oralmente, e sua aproximação com práticas científicas ocidentais, em especial pela criação de uma cosmologia centrada na água como elemento primordial. O estudo demonstra como Eurico Boaventura rompe com perspectivas colonizadoras ao legitimar o conhecimento do sertanejo como episteme própria, revelando o diálogo entre ciência, oralidade e poética na construção de uma identidade intelectual do sertão.

Palavras-chave: Eurico Alves Boaventura; Almajesto; sertão; previsão de chuvas; saber popular.

ABSTRACT

This article analyzes the essay/chronicle “Sob ditame de rude Almajesto,” by Eurico Alves Boaventura, first published in 1961 and later in different formats, including a 1976 film adaptation. The study situates the text within the cultural context of Feira de Santana and discusses its hybrid nature between chronicle and essay, in which the author combines literary narrative, philosophical references, and empirical observations on rain forecasting in the Brazilian hinterlands. Through philological and historical analysis, the research highlights the appreciation of popular knowledge transmitted orally and its approximation to Western scientific practices, especially through the creation of a cosmology centered on water as the primordial element. The study shows how Eurico Boaventura challenges colonizing perspectives by legitimizing the sertanejo’s knowledge as its own epistemology, revealing the interplay between science, orality, and poetics in the construction of an intellectual identity of the hinterlands.

Keywords: Eurico Alves Boaventura; Almajesto; hinterlands; rain forecasting; popular knowledge.

INTRODUÇÃO

“Sob ditame de rude Almajesto” foi publicado por Eurico Alves Boaventura, pela primeira vez, em 1961, numa pequena revista organizada pelos jovens que nesta virada de década de 1950 para 1960 buscavam agitar o cenário cultural da cidade de Feira de Santana. Este texto se tornaria uma das obras mais conhecidas e lembradas da longa carreira do poeta feirense, especialmente por ter sido adaptado ao cinema numa curta-metragem dirigida por Olney São Paulo, em 1976. Seguindo esta primeira edição, podem ser encontradas ao menos mais duas publicações do texto em diferentes formatos: de forma serial em “Situação”, no ano de 1967 e a terceira publicada na coletânea “A paisagem urbana e o homem” (2006), organizada postumamente pela filha do poeta, Maria Eugênia Boaventura.

A primeira versão do texto surge na revista “Sertão”, publicada pela Associação Cultural Filinto Bastos. No quadro da Associação podiam ser encontrados jovens abarcando as mais variadas vertentes culturais, desde jornalistas e romancistas até aspirantes a cineastas. A respeito destas personagens, escreveu Olney São Paulo:

Reuníamos a Associação Filinto Bastos, entidade cultural “subversiva” que ficou famosa pelas comemorações de seus sócios notívagos: um professor de esperanto, um cineasta de basta cabeleira e pouca elegância, um escritor, um poeta, um político e até mesmo um padre. (1966, p. 2)

Dentre as atividades desta instituição de vida curta figurou a publicação da revista que teve o primeiro número publicado em 1961 e o segundo apenas em 1963. Olney São Paulo, o cineasta de basta cabeleira da citação acima, foi não só o Secretário de Cultura da Associação, como também foi o editor dos dois números da revista, e que ele mais tarde se referiu como tendo “uma atuação válida”, em entrevista sobre o percurso de sua carreira (1967, p. 6).

Ao tomarmos em mãos a publicação, chama atenção o caráter algo amador com que era feita. Este amadorismo aponta para a falta de recursos da Associação, levando suas iniciativas a serem tocadas na dependência da boa-vontade de seus colaboradores. Assim, nas páginas de “Sob ditame de rude Almajesto”, encontramos correções feitas a mão pelo próprio editor que riscava o erro gráfico para escrever de próprio punho em caneta azul a frase correta. Esta correção acontece apenas uma vez ao longo do texto de Eurico.

Não tivemos acesso ao jornal “Situação”, que Maria Eugênia Boaventura indica ter sido a segunda publicação a trazer o texto. É em referência a esta versão que a organizadora toma para recortar o texto em três partes, publicando-o como se fosse dividido em três capítulos. Em suas notas no livro “A paisagem urbana e o homem”, Maria Eugênia falha em apontar que o texto já havia sido publicado em sua completude em “Sertão” e que os segundo e terceiro capítulos não são um adendo à publicação original, mas

tão somente um recorte para caber numa publicação que não englobaria toda sua extensão. O periódico “Situação” publicou o “Almajesto” ao longo de três semanas que percorrem os meses de novembro e dezembro de 1967. Numa leitura mais dedicada do texto, podemos observar que não há necessidade para esta separação de capítulos, uma vez que não há mudança significativa em sua temática ou abordagem. Trata-se, verdadeiramente, de um ato editorial particular desta segunda publicação, ao invés de uma escolha autoral.

Com Olney São Paulo, encontramos uma primeira dificuldade na classificação formal do texto. Isto porque, enquanto editor da revista, o abordou de duas diferentes maneiras ao longo de sua carreira. Enquanto na publicação serial o texto aparece na seção “Ensaio”, em filme ele o classifica como “crônica”. De fato, o estilo adotado por Eurico Boaventura na escrita do texto é híbrido, pendendo para ambos os lados. Enquanto carrega pesadamente a forma de uma crônica, posicionando o próprio autor como personagem que conversa com o “tabaréu” sobre a chegada das chuvas na roça, o autor também traz citações e referências de textos científicos e filosóficos, como o filósofo alemão Oswald Spengler e artigos publicados em periódicos.

Esse hibridismo do estilo adotado por Eurico Boaventura fará parte da nova fase de sua obra. Enquanto em juventude o autor foi entregue aos versos, sendo poeta membro do nascente movimento modernista baiano em fins da década de 1920, seus textos foram lentamente modificando seu estilo e formato, passando para a crônica poética em fins dos anos 1930, chegando aos estudos antropológicos influenciados por suas leituras e interesse em arqueologia dos anos 1950. Será por influência destes novos interesses que escreverá “Fidalgos e vaqueiros”, obra por muitas décadas permanecida em ineditismo, ainda que partes desta pesquisa fossem bem conhecidas da intelectualidade local, buscando o pensador para palestrar a respeito do principal tema deste estudo, a civilização do couro.

Em “Fidalgos e vaqueiros”, Eurico Boaventura forja o estilo que se fará presente nesta publicação posterior, onde a poética de sua juventude permanecerá no estilo de seu autor que não consegue se entregar por inteiro à prosa científica da distanciada investigação de dados. O poeta investiga antropológicamente, mas também reconhecendo a beleza desta criação e desta relação do povo sertanejo com seu meio. Enquanto cita trabalhos acadêmicos, artigos de periódicos científicos e filósofos, Eurico também constrói uma narrativa para introduzir o tema do texto. Principia por encontrar um homem do campo no avarandado de uma casa de fazenda, onde este lhe apresenta um conhecimento sobre a previsão de chuvas. Esta história tomará continuidade temporal, pois o que foi dito pelo “tabaréu” será lembrado pelo narrador semanas mais tarde quando a chuva cair na fazenda.

Um caminho para melhor entendermos o sentido deste ensaio/crônica é desvendar o título enigmático dado por Eurico Boaventura no auge de sua erudição. Quebreiros,

então, o significado de “Sob ditame de rude Almajesto”, imaginando quais seriam os significados de cada um destes termos no contexto em que aparecem.

“Sob” faz referência tanto ao que está abaixo quanto ao que sofre influência. “Ditame” possui igual duplo sentido: por um lado, pode ser visto como um mandamento, um comando; por outro, pode ser notado o caráter oral de uma ordenação passada – “ditame” é aquilo que é dito. Portanto, estes dois sentidos do termo podem ser reunidos na seguinte conclusão: “um mandamento passado oralmente”. A duplicidade permanece em “rude”, ao que pode indicar a rudeza do cenário a que se refere, o sertão, seu caráter árido, quanto ao aspecto rudimentar em que se estabelece uma tentativa de construção teórica a respeito de como interpretar o cenário para prever a chegada das chuvas. Por fim, o termo de maior dificuldade de interpretação sem prévia pesquisa: “Almajesto”. Aqui, Eurico Boaventura faz referência a um tratado astronômico publicado por Ptolomeu na antiguidade em que reunia os saberes de observação do espaço. “Almajesto” teria como significado “majestoso” ou “máximo”, numa possível referência à imensidão do universo estudada (as esferas celestes, p. ex.).

Em resumo, o ensaio/crônica de Eurico Boaventura traz as técnicas desenvolvidas pelo sertanejo para previsão das épocas de chuvas. A grande importância para o povo do campo é a chegada da chuva, o que coordena todos seus esforços de lavoura. Antecipando a chuva podem ser feitas as provisões para a plantação, antevendo que dentro de alguns meses virá a chuva para permitir uma farta colheita. Escreve:

A preocupação maior do sertanejo é a água. Não só a água para sua bebida, para a bebida dos ani- mais, como água para a rega da lavoura, ou sua consequente umidade para as plantações, para o natural pascigo que lhe deixou Deus na sua bondade imensa. (BOAVENTURA, 2006, p. 205)

Esta ciência é passada oralmente de geração em geração, de povo para povo. São técnicas bem reconhecidas baseadas na observação da paisagem. Está no florescer do mandacaru – tal qual se apresenta na canção musicada por Luiz Gonzaga, indicando que estes saberes se estendem para além do sertão conhecido por Eurico, sendo uma cultura ampla deste ambiente – no criar de asas da formiga, no movimento dos maribondos buscando abrigo, no teste com a pedra de sal exposta ao sereno da noite. Este caráter de oralidade é muito importante para a transmissão de saberes por povos que são, em grande parte, analfabetos, como constituía a maioria do povo sertanejo de quando Eurico oferece seu testemunho, em 1961.

Era a realidade, a concretização dos prognósticos do matuto. E me afirmava o velho amigo, herança emocional de meu avô e de meu pai, que chovera no dia primeiro, no dia dois, nos dias três, quatro, cinco e até no dia seis de janeiro. Bom sinal. Ótimo! (Idem, p. 203)

O mesmo matuto que apontou para Eurico os sinais de que choveria dentro em poucas semanas, é este que ele reconhece como provindo de uma tradição à qual sua família pertence. Uma herança que é passada geracionalmente no sertão através de ensinamentos não formais, isto é, aprendido na prática da lida com a lavoura e com os animais do roçado. Este matuto aprende sendo levado à paisagem para que note as transformações a que sofre a natureza, notando como estas mudanças possuem íntima correlação. O que ignora o citadino se faz óbvia ao campestre por seu aprendizado em uma linguagem diversa, fruto de uma educação preocupada com outros temas. Um aprendizado feito na lida e na escuta dos mais velhos que passam seus conhecimentos aos mais jovens desde muito cedo.

Apesar da passagem de conhecimento ter como base as relações familiares, geracionais, estes saberes percorrem a vasta imensidão do território sertanejo. É possível encontrar menções às observações descritas por Eurico Boaventura em autores do Ceará (como a pedra de sal no poeta “A triste partida”, de Patativa do Assaré), nas canções do pernambucano Luiz Gonzaga (o florescimento do mandacaru). Esta passagem oral faz com que se perca a origem destes conhecimentos, sendo genuinamente pertencente ao povo sertanejo e à sua vontade de conhecer seu próprio ambiente, e à sua necessidade de sobrevivência.

A falta de conhecimento formal não foi impeditiva para que estes mesmos povos buscassem a criação de um sistema de observação da natureza e criação de padrões – o chamado método indutivo, pela filosofia da ciência, o modelo mais conhecido pelo senso comum. Observa-se um fenômeno e teoriza-se sobre ele. Assim, a oralidade se transforma num grande repertório para abrigar este amplo tratado científico. A referência de Eurico a um texto da antiguidade não é feita de forma leviana ou buscando a poetização erudita, ela cria um paralelo: a iniciativa de fazer ciência que encontramos no sertanejo ao observar os movimentos dos astros e tecer ideias para seu próprio mundo se assemelha ao que faziam os antigos que olhavam para o céu buscando desvendar os mistérios por trás dos movimentos estelares.

A particularidade aqui é que a distância desta educação formal faz com que a inteligência citadina incorra num menosprezo ao saber fundado no campo sertanejo. Escreve o poeta:

E ria-se quem quisesse, mas vêem e ouvem os matutos quando os da cidade não pressentem mesmo com vários tempos de experiência. Se a cidade nega ao tabaréu a bússola, barômetro, teodolito, outros aparelhos luxuosos para diversos misteres, criados pela ciência, Deus espalhou no céu a poeira da via-láctea para o nortear das viagens noturnas da catinga silenciosa. (Idem, p. 210)

A criação destes mesmos instrumentos que a cidade nega ao “tabaréu” levou o povo citadino a uma incapacidade de percepção das próprias transformações do mundo

natural, o reconhecimento da mudança na paisagem. O saber passado pelas histórias sobre os antigos navegadores que se orientavam pelas constelações – ainda que dotados de instrumentos semelhantes aos mencionados na citação – ordena também o conhecimento nutrido pelo sertanejo que observa a íntima relação entre todos os dados naturais. Tal qual Tales de Mileto, na antiguidade, já apontava que a água era o elemento primordial de onde todas as coisas provinham e para onde voltavam, o sertanejo encontra uma interligação entre todos os dados da paisagem observando como o cenário em estiagem anseia pela chegada da água. As plantas se transformam, bem como os menores insetos que convivem no dia a dia do roçado – a formiga que ganha asas quando é época de chuva, o maribondo que faz morada dentro da casa de fazenda para se proteger. Trata-se de um alto grau de precisão em suas observações, semelhantes à leitura de um livro.

No início de janeiro, no avarandado da casa da fazenda, um amigo da roça me afiançava dogmaticamente que este ano seria, pelas provas e observações, ótimo, fecundo. Entendia ele a linguagem dos Ares, a expressão da paisagem. Aos da cidade esta linguagem inexistia. O tabaréu, entretanto, compreende o que dizem as coisas sem palavras. Não sofre dislexia ante a escrita que aprendeu a ler no ar. (Idem, p. 203)

Quando Eurico Boaventura escreve que o tabaréu sabe ler a “linguagem dos ares” e que este conhecimento se encontra desprovido ao povo da cidade, aponta um caráter de erudição de diferente natureza ao povo do campo. Nesta observação da paisagem são traçados padrões sobre os quais será possível “ler”. Aqui “linguagem” e “ler” não são termos também usados de modo figurativo, eles fazem referência a caracteres muito específicos que surgidos em meio a paisagem não apontam outro cenário senão a chegada de uma temporada de chuvas. Encontramo-nos num campo de precisão científica: o tabaréu amigo de Eurico lhe afiança dogmaticamente, isto é, ele segue um conhecimento que é muito bem delimitado e que, posto a prova, demonstrará seu resultado.

Ao invés de fazer como usualmente é feito em casos de um discurso colonizador sobre a forte destreza “natural” do povo “selvagem”, colonizado, e não educado, Eurico busca o elogio ao inverter a lógica do modelo que tende a favorecer o dito civilizado da cidade. Ele, o cidadão, sofre dislexia, tendo suas capacidades de leitura do mundo natural atrofiadas pela sua vida em meio à artificialidade da urbe. Ainda que venha a acusar o povo campesino de analfabetismo – como era grande parte da população do sertão nordestino em meados de 1961, quando publica pela primeira vez o ensaio/ crônica – a inteligência urbana é apresentada como também ela sendo analfabeta na leitura de uma linguagem de ordem muito mais prática e premente ao povo do campo.

Esta terminologia encontrada por Eurico Boaventura – o Almajesto, a linguagem, o dogmatismo – são todos termos utilizados por um autor que reconhece o risco de escrever sobre o sertanejo de modo a figurá-lo como “o outro”. Alfredo Bosi, na “Dialética da colonização” (2021), escreveu sobre como o discurso do colonizador dotou o negro e o indígena de avançada intuição, possuindo uma gama de saberes que estão fora do campo racional. Esta intuitividade, enquanto marca estas personagens com certo ar de sagacidade em saber lidar com suas próprias realidades, os retira de um mundo de logicidade, como que incapacitando-os para a formação de um processo civilizatório. O intuitivo é um saber do negro e do indígena, enquanto a logicidade racional é dada ao civilizado homem branco criador da filosofia.

Eurico foge desta armadilha antropológica de colocar o sertanejo como “o outro”. Põe nesta tradição de busca pela criação epistemológica dos povos do sertão a mesma fagulha que acendeu a criação científica dos ditos civilizados. Não estabelece o sertanejo como sendo atrasado por estar em concordância com Ptolomeu enquanto os acadêmicos abandonaram o heliocentrismo: pelo contrário, aponta para o eruditismo particular da invenção sertaneja mesmo desprovido da educação formal que recebem os cientistas. A busca de Eurico em seus estudos antropológicos é demonstrar quão pequena é a distância que separa o sertão do mundo europeu louvado pela inteligência nacional. Não somente em matéria de arte o sertanejo é capaz de se destacar, mas também em sua inspiração em sua própria paisagem para desenvolver uma episteme a partir do sertão. O Almajesto sertanejo surge como um tratado astronômico de quem observa a imensidão do universo a partir do sertão.

O Almajesto se configura mais como uma cosmologia do que um tratado astronômico como aquele que lhe serviu de referência. Nas descrições dos sinais de chuva apresentados por Eurico, notamos como a observação dos astros constitui apenas um fragmento dos dados componentes deste saber instituído no sertão. A maior parte dos sinais se apresenta na paisagem onde o sertanejo se encontra, mais próxima ao solo, em sua lida cotidiana: está nos animais e na vegetação. Chamamos cosmologia por esta característica de reunião dos dados presentes nesta paisagem com os movimentos dos corpos celestes. Estes saberes apontam uma relação íntima entre o movimento da Lua e das estrelas com o que acontece nos menores corpos aqui embaixo. Nesta cosmologia fundada no sertão e pelo sertanejo, o mundo se apresenta interligado, onde os menores corpos dão pistas acerca dos movimentos dos maiores eventos em ocorrência. Nesta cosmologia, a água é o elemento central.

Observamos, assim, como há um desejo por parte de Eurico Boaventura em demonstrar a riqueza intelectual do povo sertanejo em suas formulações. Em seu ensaio/ crônica fica palpável uma vontade de ciência do sertanejo em desvelar as regras que se escondem por trás da paisagem, e que comandam o mundo no qual vive. O que tem origem

em sua necessidade de sobrevivência se transforma num conhecimento de vastas proporções ao incutir uma nova episteme. O sertanejo possui semelhante volição intelectual que os pensadores da antiguidade ocidental em seus primeiros passos para a criação de uma ciência – este é o paralelo feito por Eurico ao batizar seu texto como *Almajesto* – mas ulteriormente sua construção se difere dela por não possuir este elemento de busca a universalização, ainda que constitua uma cosmologia. O que é construído pelos sertanejos é uma episteme a partir do sertão, um modo de olhar o cosmos a partir do sertão, muito próprio de sua lida imediata com os dados de sua necessidade e de sua cotidianidade.

Para que possa escrever sobre esta civilização fundada num pensamento original, uma civilização do couro onde a cosmologia tem como principal elemento a água, Eurico Boaventura não se desfaz da escrita poética para tratar de uma episteme. Enquanto o pensamento antigo ocidental travou uma separação com a poesia para que buscasse na escrita filosófico-científica a maior objetividade sem interferência do belo e da subjetividade intuitiva, esta civilização com uma cosmologia que parte do sertão demandará outra forma de

reporte, um entremeio da precisão da vontade de ciência com a poesia da oralidade em que estes conhecimentos são passados – muitas vezes preservados em canções ou poesias. Assim, o que pareciam apenas descrições de sinais de chuva, demonstram um grau de maior profundidade, com um povo sedento por constitui sua identidade a partir do chão sobre o qual trabalha.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem**. Org. Maria Eugenia Boaventura. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das letras: 2021.

SÃO PAULO, Olney. **Uma festa de povo em tempo de amor**. In. Jornal da Bahia. Salvador. 30-31 de outubro de 1966.

SÃO PAULO, Olney. **Depoimento de um “angry” da Bahia**. In. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 23 de julho de 1967.